



ÉTICA E LINGUAGEM EM RICOEUR: UMA INTRODUÇÃO À NOÇÃO DE RECONHECIMENTO

*Ethics and language in Ricoeur:
An introduction to the notion of recognition*

Jaqueline Stefani

UCS

Mariana Rocha Bernardi

UCS

Resumo: Neste artigo objetiva-se discutir algumas questões apresentadas por Paul Ricoeur sobre o “reconhecimento”, especialmente em sua obra *Parcours de la reconnaissance: trois études* (2004). Para tanto, faz-se uma análise da linguagem com implicações não apenas epistêmicas, mas sobretudo éticas. O reconhecimento, em Ricoeur, requer um percurso que constitui a polissemia proposta como um meio termo entre a homonímia, por um lado, e a univocidade, por outro. Como todo percurso, o percurso do reconhecimento implica temporalidade: uma memória que transforma o passado e o futuro em presente que recorda e projeta. Trata-se de uma concepção de reconhecimento-mútuo que, diferentemente da reciprocidade simétrica e equivalente requeridas na concepção de justiça, parte da noção de *ágape* em uma assimetria originária entre um e outro. Há que, para tanto, ultrapassar as noções cerne das discussões filosóficas sobre “reconhecimento”, tais como a noção de Luta, em Hegel; de violência, em Hobbes, e de desprezo, em Honneth.

Palavras-chave: Ricoeur. Linguagem. Ética. Reconhecimento. Mutualidade. Reciprocidade.

Abstract: This article aims to discuss some questions presented by Paul Ricoeur about “recognition”, especially in his work *Parcours de la reconnaissance: trois études* (2004). For this, a language analysis is carried out with implications that are not only epistemic, but above all ethical. Recognition, for Ricoeur, requires a path that constitutes the proposed polysemy as a middle ground between homonymy, on the one hand, and univocity, on the other. Like any path, the path of recognition implies temporality: a memory that transforms the past and the future into the present that it remembers and projects. It is a conception of mutual recognition that, unlike the symmetrical and equivalent reciprocity required in the conception of justice, starts from the notion of *agape* in an original asymmetry between one and the other. To do so, it is necessary to go beyond the core notions of philosophical discussions about “recognition”, such as the notion of Struggle, in Hegel; of violence, in Hobbes, and of contempt, in Honneth.

Keywords: Ricoeur. Language. Ethic. Recognition. Mutuality. Reciprocity.

Introdução

Paul Ricoeur escreve *Parcours de la reconnaissance: trois études* (2004),¹ no intuito de contribuir com o preenchimento de uma lacuna na história da filosofia, percebida por ele, sobre a tematização do reconhecimento. Pouquíssima tinta teria sido dedicada ao reconhecimento por parte dos filósofos ao longo da história, se comparado ao que se escreveu acerca da noção de conhecimento. Além disso, Ricoeur percebe uma amplitude do âmbito lexical do termo “reconhecimento” consoante à amplitude do termo utilizado na prática da linguagem ordinária, amplitude que não teria sido contemplada nos poucos estudos existentes sobre o reconhecimento.

Com o objetivo de abarcar a riqueza das significações do plano lexical, Ricoeur apresentará sua teoria sobre os seguintes eixos filosóficos fundamentais: i) o reconhecimento-identificação, que inicia com a identificação-de-algo e passa para a identificação-de-alguém; ii) o reconhecimento-de-si; iii) o reconhecimento-mútuo, sem conflito e sem violência, em uma compreensão dialética entre justiça e amor desinteressado (*ágape*).

Trata-se de um percurso iniciado com a identificação de algo que passa à identificação de alguém e é seguido pela experiência do autoconhecimento, advindo na passagem do reconhecimento-identificação de alguém para o reconhecimento de si mesmo. É um percurso dialético no sentido em que o lugar atingido supõe o trajeto feito; nada é abolido. O lugar propriamente ético do reconhecimento em seu aspecto intersubjetivo será contemplado, explicitamente, apenas no último dos três estudos que compõem o livro.

1 Memória e promessa: mesmidade e ipseidade

O caminho do reconhecimento empreendido por Ricoeur necessita de uma análise sobre a promessa e memória no tempo: “esse acoplamento entre reconhecimento no tempo e reconhecimento frente aos outros assume, é verdade, formas divergentes em termos tanto de memória quanto de promessa”². Há um processo hermenêutico importante envolvido na memória e na promessa que contempla tanto projeções e expectativas em um tempo futuro quanto lembranças de um tempo passado. Em tal processo ocorrem estranhamentos e reconhecimentos que constituem a identidade de si, concepção desenvolvida largamente por Ricoeur em outras obras, por exemplo, em *Conflito das interpretações, Do texto à ação, Interpretação e ideologia* e, principalmente, *O si-mesmo como um outro*.

Em relações intersubjetivas, a relação entre memórias pode, via narrativa, reforçar uma amizade, por exemplo, mas pode, igualmente, ser conflituosa, se as memórias dos sujeitos divergirem sobre um mesmo acontecimento. Por outro lado, no caso da promessa, o reconhecimento frente ao outro pode significar que é “em favor do bem do outro que eu prometo”³. Contudo, pode acontecer, também, de a promessa não ser compreendida, ou ser recusada.

A ação de prometer e cumprir o prometido faz com que a moralidade do agente seja ativada. Para além de um ato discursivo, dizer “te prometo que...” requer mais do agente que cumprir a ação prometida. Requer um profundo comprometimento ético a cada vez que se empenha a palavra, que se promete algo a alguém. Há a necessidade da fidelidade moral que a palavra carrega simplesmente por ser proferida. Tal fidelidade é despertada (ou não) no caráter obrigatório implícito na relação do que promete com o que recebe a promessa. Tem-se a relação, portanto, entre a força da palavra proferida e os interlocutores envolvidos, na medida que a interlocução, para Ricoeur, opera na

¹ As citações em português das obras em francês citadas neste artigo são traduções nossas.

² Livro: RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance: Troi études*. França: Stock, 2004, p. 366.

³ Livro: RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance: Troi études*. França: Stock, 2004, p. 367.

predicação dos eventos, “exprimindo-se em constatação, comando, conselho, promessa etc”⁴.

Tudo o que é expresso pela linguagem, através de uma narrativa, está em constante perspectiva com o tempo em que é proferido e com a percepção do interlocutor, a saber, o eu que fala, enquanto fala, concebe a si, o outro e o desdobramento num dado tempo, o que Ricoeur deixa claro quando aborda a amplitude do *si* na consideração filosófica⁵.

É no espaço tensional entre a esfera de uma compreensão retrospectiva das memórias do passado e a esfera de outra compreensão, de tipo teleológico, do futuro, no *ser como projeto*, que se vislumbra a positividade dialética de uma compreensão hermenêutica⁶ entre expectativa e memória:

A hermenêutica constitui, assim, o percurso metodológico que permite compreender o ser humano, a sua existência e as relações com o mundo. Tomamos o conceito de hermenêutica, não como mero processo metodológico de interpretação visando a compreensão, mas como uma verdadeira filosofia da práxis que contesta todas as formas de pensamento meramente utilitárias visando a eficácia.⁷

Como afirma Ricoeur, em *O conflito das interpretações*: “Esta polaridade de *arché* e de *telos*, da origem e do alvo, do solo pulsional e da mira de cultura, é a única que pode arrancar a filosofia do *Cogito* à abstração, ao idealismo, ao solipsismo”⁸. O reconhecimento de si requer reconhecimento de eventos passados, facultado pela memória, e projeção imaginativa do futuro. O cumprimento futuro de uma promessa feita no passado é o elo que reconecta o si à si, que reconecta a mesmidade, expressa no caráter, à ipseidade da manutenção de si. O reconhecimento de si ocorre, então, na tensão entre a ipseidade e a mesmidade do caráter em uma identidade narrativa.

Ricoeur propõe a distinção entre o “mesmo” enquanto algo que apresenta uma permanência estrutural e “mesmo” como algo mutável e diverso no tempo. Ao primeiro vai chamar “mesmidade”, e ao segundo, ipseidade. Em resumo, o problema da identidade pessoal está relacionado à temporalidade: há algo que

⁴ Livro: RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas-SP: Papirus, 1991, p. 58-59.

⁵ Livro: RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas-SP: Papirus, 1991, p. 12-13.

⁶ Recordar-se que a Hermenêutica para Ricoeur é uma constante articulação entre a primeira pessoa, consigo mesma e em relação ao(s) outro(s) envolvido(s), considerando a linguagem, os signos próprios (elementos de um dado contexto), e sempre prestes a se modificar pela análise de outrem. Em resumo, uma metaanálise não só de uma narrativa, mas de tudo que a permeia, os símbolos, crenças, culturas que compõem a linguagem e os interlocutores num espaço-tempo. Parte dessa ideia da hermenêutica em Ricoeur parte na consideração da dúvida hiperbólica, inaugurada por Descartes, quanto aos sujeitos envolvidos numa narrativa, a iniciar pela consideração de *quem pergunta*, numa clara referência a *quem está falando, qual a intenção, a quem se dirige*, mas antes disso, *quem é aquele que pensa*, assim como *quem é aquele que existe* (RICOEUR, 1991, p. 17).

A hermenêutica leva em consideração não só o contexto de um evento, mas a transformação constante na relação entre locução e ação, considerando “a pluralidade do ser, que muda a cada etapa, a cada novo fato agregado, a cada nova experiência vivida” (CORÁ E NASCIMENTO, 2011, p. 409). É, portanto, para além de um método de interpretação, um constante pensar sobre a forma de pensar, considerando não só os signos específicos envolvidos em dado evento e seus interlocutores, mas a busca de compreensões além deles (SOUSA, 2020, p. 21).

⁷ Artigo em periódico: GOMES, Manuel Tavares. Paul Ricoeur e um novo conceito de interpretação: da hermenêutica dos símbolos à hermenêutica do discurso. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e fenomenologia*, Volume 7, Número 1, p. 34-55, 2018, p. 36.

⁸ Livro: RICOEUR, Paul. *Conflito das interpretações – ensaios de hermenêutica*. Porto-Portugal: RÉS Editora, 1988a, p. 239.

permanece o “mesmo” no transcurso do tempo, e há algo que com o transcurso do tempo não permanece o “mesmo”, porém sem se tornar “outrem”⁹.

Em *Interpretação e ideologia*, Ricoeur escreve sobre a árdua tarefa presente no conhecimento de si:

O conhecimento de si mesmo já é uma interpretação que não é mais fácil que a dos outros; provavelmente, é mais difícil, porque só me compreendo a mim mesmo pelos sinais que dou de minha própria vida e que me são enviados pelos outros. Todo conhecimento de si é mediato, através de sinais e de obras.¹⁰

A construção da identidade de si é elaborada ao longo da vida na tensão entre aquilo que permanece o mesmo, apesar de todas as mudanças, como as características biológicas, e aquilo que constitui o *diferente do mesmo*. São dois pontos do si cuja âncora encontra-se no tempo presente: a mesmidade e a ipseidade. O que é o mesmo é reforçado na memória do passado ao passo que a ipseidade sustenta-se naquilo que pode vir a ser, no futuro, na projeção de si. O cerne capaz de religar a ambos (memória e promessa) é o presente. É no presente que é possível projetar-se no futuro e lembrar-se do passado. Sem o presente não haveria memória nem promessa. É no presente que se *re-conhece*.

A narrativa literária é um meio exemplar de constituição de si mesmo tanto sob o aspecto rememorativo quanto projetivo. Sob o aspecto rememorativo, a narrativa literária auxilia a manutenção da mesmidade, pois, pela leitura, elementos do passado são trazidos pela memória; sob o aspecto projetivo, por sua vez, a narrativa auxilia a ipseidade ao poder projetar a si mesmo: “entre os fatos narrados em um tempo do passado, tomam lugar os projetos, as esperas, as antecipações, por meio dos quais os protagonistas da narração são orientados em direção ao seu futuro”¹¹. Tal orientação ao futuro abarca o âmbito ético, tendo em vista que o leitor, ao projetar-se nos personagens, experiencia a tomada de decisão, que pode ou não ser precedida de deliberação, a ação propriamente dita e as consequências das ações, jamais isento de julgamentos de cunho moral.

A literatura permite que o leitor seja tomado pelos personagens, saindo de si mesmo, esquecendo-se de si, momentaneamente, sendo absorvido pela experiência narrativa do outro, padecendo, sofrendo (*pathos*) as tomadas de decisões, os desenvolvimentos das ações e suas consequências. O leitor é afetado pelo texto de tal modo que, ao fechar um livro, o leitor já não é o mesmo. Tal afetação ou padecimento impele o leitor a um regresso a si, operado pela memória e possibilitado pela narrativa literária e, concomitantemente, a uma projeção de si, operada pela imaginação. A lembrança faz parte de um processo arqueológico da memória e possibilita a projeção em outro horizonte de significação e imaginação. Há uma recordação presente do passado e uma projeção presente do futuro. Tais experiências leitoras enriquecem as experiências da vida do leitor, sua vida “real”, enquanto agente inserido no mundo, desenvolvendo suas potencialidades e aprimorando seus julgamentos, deliberações e ações.

Memória e expectativa são termos despertados pela obra e fazem parte do trajeto de construção da identidade. Se a mesmidade é o traço da identidade biológica, o traço identitário da ipseidade é o responsável pela manutenção de si através da promessa proferida. A ipseidade requer a alteridade na manutenção de si em um desejo de permanência, de perseverança em manter a palavra dada, apesar de quaisquer inclinações que levariam aquele que promete ao não cumprimento de sua palavra. Abre-se, assim, o espaço por excelência da responsabilidade e do reconhecimento como mútuo e simbólico.

⁹ Artigo em periódico: CORÁ, Elsie José e NASCIMENTO, Cláudio Reichert do. *Reconhecimento em Paul Ricoeur: da identificação ao reconhecimento mútuo*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Volume 45, Número 2, p. 407-423, outubro de 2011, p. 409.

¹⁰ Livro: RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologia*. 3. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988b, p. 27.

¹¹ Livro: RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. França: Éditions du Seuil, 1990, p. 192.

2 Reconhecimento

A abordagem ricoeuriana¹² sobre o reconhecimento, em *Percurso do reconhecimento*, é de cunho epistêmico, descritivo. O primeiro movimento de investigação sobre o reconhecimento é empreendido por um viés semântico. Ao analisar a polissemia da palavra “reconhecimento” na língua francesa,¹³ cuja ambiguidade renderia uma obra de não menos de 387 páginas, o filósofo francês acaba por desenvolver o que acabou sendo conhecido por alguns intérpretes como a primeira teoria do reconhecimento da história da filosofia.

A polissemia encontra-se no próprio uso do termo nas conversas cotidianas e na literatura, contudo, não encontra equivalência no que se tem escrito sobre o reconhecimento na filosofia. O caráter polissêmico do reconhecimento encontra-se distante, igualmente, tanto do sentido de homonímia quanto do de univocidade, sentidos opostos entre si. Assim, “reconhecimento” nem é homônimo, designando coisas absolutamente distintas entre si, nem é unívoco, designando um sentido apenas.

“Reconhecimento”, como lembra Ricoeur, significa não só um movimento mútuo, intersubjetivo, de reconhecer o outro; significa, igualmente, identificar, conhecer de novo, lembrar uma imagem novamente. Trazer o significado individual do termo, sem a presença da alteridade como necessária, faz com que se perceba sua plurivocidade ou polissemia, normalmente esquecida; além disso, a própria compreensão do outro significado (reconhecer o outro) acaba por ser alargada e enriquecida: reconhecer, então, pode ter um sentido mais complexo - e mais coerente com a própria dimensão complexa da significação humana - de relembrar, de conhecer novamente algo ou alguém, reconhecendo a si mesmo concomitantemente ao reconhecimento do outro, em outras palavras, “sua via é a da pluralidade do ser, que muda a cada etapa, a cada novo fato agregado, a cada nova experiência vivida e é esse o pequeno milagre: ser o mesmo em outro, o ser outro em si mesmo.”¹⁴

A trajetória do reconhecimento passa do uso na voz ativa para o uso na voz passiva. Há uma diferença significativa entre reconhecer algo/alguém e ser reconhecido por alguém. A ação de reconhecer supõe um âmbito de domínio intelectual, de identificar algo pela memória, algo já antes conhecido. É assim que alguém reconhece algo. Dessa forma é que Ricoeur, no primeiro estudo de *Percurso do reconhecimento*, inicia a apresentação do estágio primário significativo do reconhecimento como um reconhecimento-identificação. Reconhecer é identificar. Identificar, por sua vez, implica distinguir e distinguir implica excluir. Reconhecer, aqui, significa uma ação mental de identificar algo como sendo o mesmo, excluindo o outro: algo é igual a si mesmo e é diferente de tudo aquilo que é outro.

A análise do termo é amparada tanto pelo Dicionário *Littre* quanto pelo *Le Grand Robert de la langue française*. Interessante destacar o caráter hermenêutico da análise ricoeuriana na busca pelo não-dito em todas as vinte e três significações apresentadas pelo *Littre* e em todas aquelas apresentadas pelo *Robert* no que tange ao conceito “reconhecimento”. Tais significações podem ser reduzidas à passagem do uso ativo ao passivo: reconhecer e ser reconhecido.

Reconhecer algo ou alguém, como verbo na voz ativa, é um ato do pensamento. Tal significação é epistêmica e está estreitamente ligada ao ato de conhecer. Contudo, a solicitação de reconhecimento, o ato de ser reconhecido por alguém, de sofrer o reconhecimento, expressa uma demanda que só pode ocorrer no plano de um

¹² Tal abordagem, como Ricoeur aponta na introdução da obra, segue a escola britânica no entendimento de que uma análise da linguagem deve ter como base a linguagem ordinária e seus contextos particulares de uso. Além disso, Ricoeur grifa a importância dos exemplos de autores clássicos apresentados nos dicionários analisados como igualmente importante material de análise.

¹³ Tal polissemia é encontrada, igualmente, nas demais línguas latinas.

¹⁴ Artigo em periódico: CORÁ, Elsie José e NASCIMENTO, Cláudio Reichert do. *Reconhecimento em Paul Ricoeur: da identificação ao reconhecimento mútuo*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Volume 45, Número 2, p. 407-423, outubro de 2011, p. 409.

reconhecimento-mútuo. Para tanto, o segundo estudo apresenta a passagem, primitiva ainda, de um estatuto lógico exclusivo do reconhecimento que identifica, ou um ou outro, ao estatuto antropológico/existencial de reconhecer a si mesmo, pelo qual o outro não apenas é suscetível de afetar o mesmo, mas é necessário para reconhecer-se¹⁵.

Nesse caminho hermenêutico de compreensão do reconhecimento, Ricoeur vai, pouco a pouco, percebendo o afastamento de tal noção da outra noção que lhe era dependente: a de conhecimento. O âmbito epistêmico (no sentido de identificar e distinguir) vai, paulatinamente, perdendo força, permitindo uma autonomia maior do reconhecer enquanto tal. Tal significação que remete a de conhecimento não é rechaçada ou excluída, dada a trajetória dialética operada pela significação, mas sofre transformações à medida que amadurece a compreensão conceitual.

Como salienta Kowalewski (2014), o objetivo de Ricoeur com a análise do reconhecimento passa não apenas pela compreensão, mas pela necessária superação da noção que liga reconhecimento à luta. No reconhecimento mútuo a luta teria de ser procurada

nas experiências pacificadas de reconhecimento mútuo, que se baseiam em mediações simbólicas subtraídas tanto da ordem jurídica como da ordem das trocas mercantis; o caráter excepcional dessas experiências, longe de desqualificá-las, salienta sua gravidade, e com isso assegura sua força de irradiação e de irrigação no próprio âmago das transações marcadas pela chancela da luta¹⁶.

Conforme Fontes (2018), o cerne da teoria do reconhecimento de Paul Ricoeur é a ideia do mútuo reconhecimento simbólico. É uma proposta distinta tanto da ideia de luta pela negação do outro quanto da ideia de um pensamento indiferente, resignado. Propostas como a de Hegel¹⁷, com a famosa noção de luta por reconhecimento entre senhor e escravo; de Hobbes, e sua concepção de violência; de Honneth e as inúmeras formas de desprezo como molas propulsoras da luta por reconhecimento nas diferentes esferas da sociedade atual caracterizam-se como teorias do reconhecimento marcadas pela noção de luta e que, segundo Ricoeur, partem de uma noção de negação da alteridade.

Em Honneth, em superação ao entendimento de Hegel, haveria uma completa destruição dessa carência, que seria substituída por um desprezo e, assim, inauguraria uma relação permeada por sentimentos, ainda que negativos:

Na trilha de Honneth, Ricoeur assinala que a forma de desprezo correspondente a esse primeiro modelo de reconhecimento é a ideia da reprovação. Cada pessoa busca ser aprovada pelas pessoas que ama, especialmente pelos amigos e pelos familiares. A não aprovação significa uma humilhação que atinge o nível mais elementar, o pré-jurídico, do estar-com o outro.¹⁸

Essa noção perpassa não só a consideração dos personagens, mas das ações que surgem dessa relação e da narrativa, num processo de alternância tanto entre os interlocutores quanto a expectativas que ora convergem ora divergem, “a ação é a

¹⁵ Livro: RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance: Troi études*. França: Stock, 2004.

¹⁶ Livro: RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance: Troi études*. França: Stock, 2004, p. 233.

¹⁷ De Hegel, aliás, o autor extrai a relação dialética entre individual o universal, considerando, de forma análoga, a reciprocidade entre o indivíduo e o outro, ampliando, contudo, a consideração de que a relação perpassa “a significação que o outro lhe atribui” (Livro: RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas-SP: Papirus, 1991, p. 185). Haveria uma dependência, portanto, da consideração do outro para além de uma análise voltada do eu para consigo mesmo.

¹⁸ Artigo em periódico: GUBERT, Paulo Gilberto. Paul Ricoeur e o problema do reconhecimento. *Sapere Aude – Belo Horizonte*, v.4 - n.8, p.266-283 – 2º sem. 2013, p. 273.

interação e a interação a competição entre projetos alternadamente rivais e convergentes.”¹⁹

O estado de natureza hobbesiano e a necessidade do contrato não são suficientes no que tange à noção capaz de fundar uma cidade onde reina o bem viver comum, ainda que a característica aparentemente recíproca do contrato seja útil como barreira regradora ao estado de natureza. Aparente reciprocidade dado que a teoria hobbesiana seria carente de alteridade e, sem alteridade, o próprio recíproco desaba em ruínas. Há que se buscar, afirma Ricoeur, outro fundamento originário para o bem viver comum que não o medo por uma morte violenta, como faz Hobbes, nem o desejo de reconhecimento, como faz Hegel ou na experiência dolorosa de ser desprezado de Honneth. Em lugar da luta, o filósofo francês propõe buscar tal fundamento originário em “estados de paz”.

Na concepção dialética de Hegel por meio da alegoria da luta entre senhor e escravo, se empenha o reconhecimento por meio de uma relação de extremos, o excesso e a carência. Enquanto o senhor é possuidor de toda sorte de bens e detém o poder de comando sobre o escravo, este àquele se submete, carecendo não somente do que lhe é fornecido materialmente para a sobrevivência, mas dependendo do reconhecimento do senhor para constituir-se indivíduo. Entretanto,

À medida que a dialética se desenvolve, a dominação aparente do senhor se reverte, com sua consciência de que é na verdade totalmente dependente do escravo. Basta coletivizar a figura do senhor para ver a pertinência descritiva da análise de Hegel: a classe de proprietários de escravos depende totalmente da instituição da escravatura para prover a “superabundância” que constitui sua riqueza.²⁰

A proposta de Ricoeur é contrária “à redução frequente nos contemporâneos a um sentido privilegiado [de reconhecimento]”²¹. Ademais, tomar o reconhecimento como pautado pela noção de luta, requer a aceitação da possibilidade de uma demanda sem fim por mais reconhecimento. Ricoeur, ao contrário, vai sugerir que o reconhecimento é encontrado na polidez e na festividade, por exemplo, mediações simbólicas de reconhecimento mútuo.

É apenas no desenvolvimento do terceiro estudo, contudo, que Ricoeur apresentará a noção de um reconhecimento como reconhecimento-mútuo, proposta distinta da reciprocidade simétrica (justiça) em direção a uma assimetria originária entre um e outro (*ágape*). É um movimento dialético entre “o amor, caracterizado pela sua superabundância e a justiça regida pela regra de equivalência”²².

O Príncipe Míchkin, protagonista de *O idiota* de Dostoiévski, é um exemplo tomado por Ricoeur para representação de *ágape*. Míchkin possui uma inteligência assombrosa, especialmente em questões de disputa, contudo, seu modo de aquilatar e arbitrar não ocorre conforme a justiça. É como se houvesse um excesso de amor ao outro, uma assimetria em que o outro se sobrepõe de tal maneira que a reciprocidade racional do que é justo, em certo sentido mercantilista, é inundada e sobreposta por um compadecimento do outro, gratidão que nada busca em troca. Dir-se-ia que Míchkin é antes um homem de “retidão que um homem justo”²³.

Ricoeur baseia sua ideia de gratidão e reconhecimento mútuo no trabalho do antropólogo Marcel Mauss, para quem, na multiplicidade de relações, observa-se uma unidade característica de uma vontade gratuita que se apresenta frequentemente na forma

¹⁹ Livro: RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas-SP: Papirus, 1991, p. 173.

²⁰ Artigo em periódico: BUCK-MORSS, Susan. *Hegel e o Haiti*. Tradução de Sebastião Nascimento. Revista Novos Estudos, julho de 2011, p. 144.

²¹ Livro: RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance: Troi études*. França: Stock, 2004., p. 358.

²² Livro: RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance: Troi études*. França: Stock, 2004., p. 363.

²³ Livro: RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance: Troi études*. França: Stock, 2004., p. 327.

do presente que se dá, generosamente. Nas palavras de Ricoeur “é um gesto construtivo de reconhecimento, através de uma coisa que é simbólica, que simboliza o doador e o recebedor”²⁴. Presentear, nesse sentido, é uma simbolização da gratidão.

3 O mútuo e o recíproco

Há uma distinção sutil, contudo importante, entre as noções de “mútuo” e de “recíproco”. Recíproco é o termo utilizado por Ricoeur para tratar da justiça, por exemplo. É aquilo que é equivalente. Também pode se falar aqui em termos mercadológicos: há uma equivalência entre algo que se compra e algo que se adquire. Trata-se de uma reciprocidade, pautada sempre pela relação, sem mutualidade.

A mutualidade, por sua vez, tratará não da relação, mas das pessoas ali envolvidas, para além de uma lógica mercantil de reciprocidade: “nós defendemos a ideia de uma mutualidade exercida entre os protagonistas da troca contrariamente sua redução à uma figura de reciprocidade”²⁵. Segundo Fontes “a originalidade e a relevância da proposta de Ricoeur é que sua crítica à procura insaciável pelo reconhecimento denuncia a ideologia de mercado que pode estar presente no modelo da luta pelo reconhecimento”²⁶.

A tese proposta por Ricoeur, no último estudo de *Percurso do reconhecimento*, considera que a mutualidade do amor desinteressado (*ágape*) nada tem a ver com expectativa de retribuição ou de julgamento ao dar algo a alguém, pois não guarda rancores ou ofensas e consiste tão-somente no desejo da doação, da gratidão: um sentimento de amor capaz de transcender a justiça. Contudo, tal mutualidade não suprime a justiça, mas a contém no próprio movimento dialético operado entre a assimetria entre o um e o outro de *ágape* e a simetria justa da reciprocidade. É na passagem, no caminho pela “ponte” entre o lugar poético do amor desinteressado e o lugar prosaico da reciprocidade que se estabelecem as bases da concepção do reconhecimento ricoeuriano: “Ricoeur conclui que só o amor transcende o justo – um amor que, longe de se desligar da preocupação da justiça, visaria a uma justiça inteiramente justa, uma justeza singular e uma justiça verdadeiramente universal”²⁷.

Ricoeur propõe uma noção de reconhecimento positivo que pode ser percebido em experiências que acontecem quando se presenteia alguém, por exemplo: uma ação generosa de distribuição de dons em que o agente nada pede ou espera em retribuição; uma ação, portanto, diversa das relações mercadológicas: “para combater as premissas que definem as relações humanas como exclusivamente violentas, contratuais e mercantis, Ricoeur recorre à concepção de dom, definido como mutualidade entre pessoas que se reconhecem”²⁸. É uma proposta de reconhecimento pacífica, desinteressada, sob a noção de *ágape* (amor incondicional). O reconhecimento, antes de ser solicitado, *deve* ser concedido, prazerosamente.

Assim, o reconhecimento parece requerer duas condições, individualmente necessárias e conjuntamente suficientes: o sentimento do *sagrado* e o de *gratuidade* (*ágape*), do contrário, haverá sempre violência na luta por reconhecimento.

Algumas questões podem ser aqui levantadas: O próprio Ricoeur diz que sua análise nesta obra é de cunho descritivo e não prescritivo. Ora, de onde surge esse dever? Além disso, como é possível *ágape* em ateus, ou, em outros termos, como pensar as noções de amor incondicional, cerimônia da dádiva do dom, sagrado, etc, sem a crença em um ser maior, divino, etc? Por outro lado, a noção de *ágape* e de um estado de paz não parece mais

²⁴ Livro: RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance*: Troi études. França: Stock, 2004, p. 298.

²⁵ Livro: RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance*: Troi études. França: Stock, 2004, p. 372.

²⁶ Artigo em periódico: FONTES, P. V. *A luta pelo reconhecimento e o paradigma da dádiva: uma proposta de articulação teórica*. RBCS, Vol. 33, n° 97, 2018, p. 10.

²⁷ Tese: CORÁ, Elsie José. *Reconhecimento, intersubjetividade e vida ética: o encontro com a filosofia de Paul Ricoeur*. 2010. 238 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2849/1/426931.pdf>, p. 204.

²⁸ Artigo em periódico: KOWALEWSKI, D. P. *O multiculturalismo no percurso do reconhecimento: indagações filosóficas de Paul Ricoeur acerca do presente*. Vol. VI, n° 15, 2014, p. 29.

uma utopia, do que uma descrição? Tal assimetria entre eu e outro não faz com que Ricoeur caia na mesma posição crítica de Levinás, denunciada pelo próprio Ricoeur, em *Si mesmo como um outro?* Como afirma Mendes,

A herança teológica cristã conduz o filósofo [Ricoeur] a pensar que o perdão é o caminho para que a regra de ouro [...] vença a lei de Talião [...]. Portanto, é um convite a uma ética da reciprocidade em que a positividade vença a negatividade de sentido. De fato, é necessário dar o salto da fé de Kierkegaard transitando do estágio ético em direção ao estágio religioso da existência para acompanhar o argumento ricoeuriano até o fim. Afinal, sem fé é possível abraçar o mandamento contido nos evangelhos de amar o inimigo sem esperar nada em troca? Em suma, trata-se de perceber que o amor pode alargar os horizontes da justiça.²⁹

A grande crítica Ricoeuriana sobre o estatuto filosófico do reconhecimento é, antes de tudo, uma denúncia das mitigadas análises que o termo teria recebido ao longo da história da filosofia, além do reducionismo ao qual o termo teria sido submetido nas poucas vezes em que fora abordado. O que parece é que a retomada do amor desinteressado na compreensão dos sentidos apresentados pelo Littré e pelo Robert, a saber, identificar pelo espírito, aceitar como verdadeiro e testemunhar gratidão acaba por, sem dúvida alguma, ressignificar o conceito de reconhecimento, trazendo à tona uma compreensão mais rica, mais expandida e mais ética na discussão filosófica. Como bem aponta Kowalewski (2014, p. 41): “a experiência festiva da troca de dom confere, para o entusiasta Ricoeur, a garantia de que nem toda a economia de troca é fruto do apetite pelo poder ou pela fascinação pela violência”.

Assim, parte da resposta a essas questões podem ser encontradas no movimento dialético ricoeuriano entre reciprocidade e *ágape*, que resultará numa reciprocidade mútua, reestabelecendo e ultrapassando, ao mesmo tempo, a assimetria de *ágape* e a mercantilização do recíproco.

Considerações finais

O percurso do reconhecimento preparado por Ricoeur requer, portanto, primeiramente o movimento de “reconhecimento-identificação”, movimento em que identificar é distinguir, e que passa da “identificação-de-algo” para a “identificação-de-alguém”. Na sequência, chega-se ao “reconhecimento-de-si”, lugar em que o outro afeta o mesmo e, por último, atinge-se o “reconhecimento-mútuo”. É um percurso que parte de um lugar epistêmico, passa pelo caminho antropológico e chega a seu cume na praça ético-política, lugar em que o amor desinteressado encontra o mercantilismo da reciprocidade e funda o que Ricoeur chamará de “reconhecimento mútuo simbólico”.

Há que se ultrapassar as noções de reconhecimento que negaram a alteridade como a Luta (Hegel) senhor e escravo, Violência (Hobbes) e Desprezo (Honneth) para reconhecer o próprio reconhecimento como uma dialética entre amor desinteressado e reciprocidade justa.

Na dialética produtiva entre a assimetria de *ágape*, que é uma dádiva essencialmente generosa de ofertar sem expectativa de receber algo em troca (experiência rara) e a simetria da reciprocidade, encontra-se a base da justiça e que pauta as trocas nas relações humanas. Esse embate entre o mútuo e o recíproco, entre amor desinteressado e a equivalência nas trocas justas é o alicerce do reconhecimento ricoeuriano.

²⁹ Tese: MENDES, B. *Existência e linguagem: o problema do sentido na filosofia da história de Paul Ricoeur*. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2019, p. 278. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30218/1/MENDES%20Breno.%20Exist%C3%Aancia%20e%20linguagem%20-%20o%20problema%20do%20sentido%20na%20filosofia%20da%20hist%C3%B3ria%20de%20Paul%20Ricoeur%20%5Bvers%C3%A3o%20cd%5D.pdf>.

Referências

- DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovitch. *O Idiota*. São Paulo: Ed. 34 Ltda., 2002.
- RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance: Troi études*. França: Stock, 2004.
- _____. *Soi-même comme un autre*. França: Éditions du Seuil, 1990.
- _____. *Conflito das interpretações – ensaios de hermenêutica*. Porto-Portugal: RÉ S Editora, 1988a.
- _____. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*. Porto-Portugal: RÉ S Editora, s/d.
- _____. *Interpretação e Ideologia*. 3. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988b.
- _____. *O si-mesmo como um outro*. Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas-SP: Papyrus, 1991.
- BUCK-MORSS, Susan. *Hegel e o Haiti*. Tradução de Sebastião Nascimento. Revista Novos Estudos, julho de 2011, p. 131-171.
- CORÁ, Elsie José e NASCIMENTO, Cláudio Reichert do. *Reconhecimento em Paul Ricoeur: da identificação ao reconhecimento mútuo*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Volume 45, Número 2, p. 407-423, outubro de 2011.
- FONTES, Paulo Vitorino. *A luta pelo reconhecimento e o paradigma da dádiva: uma proposta de articulação teórica*. RBCS, Vol. 33, n° 97, 2018.
- GOMES, Manuel Tavares. *Paul Ricoeur e um novo conceito de interpretação: da hermenêutica dos símbolos à hermenêutica do discurso*. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e fenomenologia, Volume 7, Número 1, p. 34-55, 2018.
- GUBERT, Paulo Gilberto. *Paul Ricoeur e o problema do reconhecimento*. Sapere Aude – Belo Horizonte, v.4 - n. 8, p. 266-283 – 2º sem. 2013.
- KOWALEWSKI, Danieli Pechuti. *O multiculturalismo no percurso do reconhecimento: indagações filosóficas de Paul Ricoeur acerca do presente*. Revista Theoria, Vol. VI, n° 15, 2014, p. 17-46.
- SAAVEDRA, Giovani A. e SOBOTTKA, Emil A. *Discursos filosóficos do reconhecimento*. Civitas, Porto Alegre, Vol. 9, n. 3, p. 386-401. Set.-dez. 2009.
- SOUSA, Thiago Luiz de. *O que é hermenêutica para Paul Ricoeur?* Griot: Revista de Filosofia, Amargosa - BA, v.20, n.2, p. 17-29, junho de 2020.
- CORÁ, Elsie José. *Reconhecimento, intersubjetividade e vida ética: o encontro com a filosofia de Paul Ricoeur*. 2010. 238 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2849/1/426931.pdf>. Acessado em 18/01/2020.
- MENDES, B. *Existência e linguagem: o problema do sentido na filosofia da história de Paul Ricoeur*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2019. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30218/1/MENDES%20Breno.%20Exist%C3%Aancia%20e%20linguagem%20-%20o%20problema%20do%20sentido%20na%20filosofia%20da%20hist%C3%B3ria%20de%20Paul%20Ricoeur%20%5Bvers%C3%A3o%20cd%5D.pdf>. Acessado em 15/01/2020.

E-mail: jaquelinestefani@yahoo.com.br

Doutoranda em Filosofia (PPG Filosofia - UCS)

E-mail: mrocha2@ucs.br